



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**MATERNIDADE E SUAS SIMBOLOGIAS: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA*, DE MICHELINY VERUNSCHK**

**ANDRÉ DA COSTA DOS SANTOS**

**GUARABIRA - PB  
2024**

**ANDRÉ DA COSTA DOS SANTOS**

**MATERNIDADE E SUAS SIMBOLOGIAS: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA*, DE MICHELINY VERUNSCHK**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

**Área de concentração:** Literatura, identidade e alteridade.

**Orientador:** Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza

**GUARABIRA - PB  
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237m Santos, André da Costa dos.

Maternidade e suas simbologias [manuscrito] : uma análise do romance "O som do rugido da onça", de Micheline Verunsch / André da Costa dos Santos. - 2024.

22 f.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza, Departamento de Letras - CH".

1. Maternidade. 2. Identidade. 3. Símbolos. 4. Feminino. I. Título

21. ed. CDD 869.909

**ANDRÉ DA COSTA DOS SANTOS**

**MATERNIDADE E SUAS SIMBOLOGIAS: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA*, DE MICHELINY VERUNSCHK**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

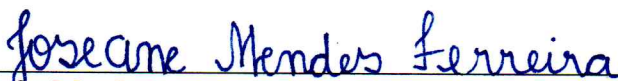
**Área de concentração:** Literatura, identidade e alteridade.

**Aprovada em:** 13/11/2024

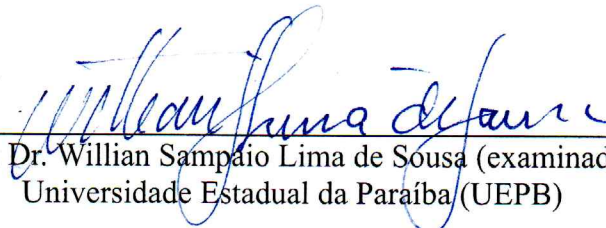
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Joseane Mendes Ferreira (examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa (examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, que sempre me apoiou e incentivou em minha trajetória e também à todos aqueles que no passado foram silenciados, mas que agora ganham visibilidade e resistência, DEDICO.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 LITERATURA, HISTÓRIA E SOCIEDADE: INTERFACES.....</b>	<b>9</b>
<b>3 OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>11</b>
3.1 Personagens, representações culturais e identidade.....	12
<b>4 MICHELINY VERUNSCHK E O DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA “O SOM DO RUGIDO DA ONÇA”.....</b>	<b>14</b>
<b>5 UMA ANÁLISE DO FEMININO PELO VIÉS DA MATERNIDADE E DAS SIMBOLOGIAS MATERNAIS.....</b>	<b>15</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

## MATERNIDADE E SUAS SIMBOLOGIAS: UMA ANÁLISE DO ROMANCE *O SOM DO RUGIDO DA ONÇA*, DE MICHELINY VERUNSCHK

André da Costa dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar como a personagem Iñe-e simboliza a maternidade através de representações e seus significados presentes na obra da autora Micheline Verunsch. Desse modo, neste trabalho, propomos compreender como a personagem Iñe-e está relacionada à noção de maternidade e a símbolos maternos, mesmo sem vivenciar a experiência física da gravidez. Nesse sentido, este estudo fundamenta-se nos pressupostos teóricos postulados por Bonnici (2009), Heller (2013), Jecupé (1998), Mussa (2011), Neumann (1990), Nóbrega (2004), Pesavento (1998; 2012), dentre outros. Logo, para atingir os objetivos desta pesquisa, adotamos uma metodologia de cunho qualitativo e bibliográfico. A análise evidencia que expectativas historicamente pré-estabelecidas moldam as experiências femininas, o que, conseqüentemente, criam estigmas em torno daquelas que não se encaixam nessa concepção idealizada, seja por escolha própria ou circunstâncias da vida. Ademais, constatamos que tais estereótipos limitam a percepção da maternidade a um ideal romântico ou sacrificial bem como influenciam as perspectivas sociais e culturais sobre a figura feminina. Portanto, há a necessidade de reflexões críticas acerca dessas concepções como também da análise de novas representações e entendimentos sobre o feminino a partir da literatura contemporânea, visto que a maternidade não é apenas um papel a ser desempenhado, mas uma construção social complexa.

**Palavras-Chave:** maternidade; identidade; símbolos; feminino.

### ABSTRACT

The present research aims to analyze how the character Iñe-e symbolizes motherhood through representations and their meanings present in the work of the author Micheline Verunsch. Thus, in this paper, we propose to understand how the character Iñe-e is related to the notion of motherhood and maternal symbols, even without experiencing the physical experience of pregnancy. In this sense, this study is based on the theoretical assumptions postulated by Bonnici (2009), Heller (2013), Jecupé (1998), Mussa (2011), Neumann (1990), Nóbrega (2004), Pesavento (1998; 2012), among others. Therefore, to achieve the objectives of this research, we adopted a qualitative and bibliographic methodology. The analysis shows that historically pre-established expectations shape female experiences, which consequently create stigmas around those who do not fit into this idealized conception, whether by personal choice or life circumstances. Furthermore, we find that such stereotypes limit the perception of motherhood to a romantic or sacrificial ideal and influence social and cultural perspectives on the female figure. Therefore, there is a need for critical reflections on these conceptions as well as an analysis of new representations and understandings of femininity from contemporary literature, since motherhood is not just a role to be played, but a complex social construction.

**Keywords:** motherhood; identity; symbols; feminine.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras - português pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. E-mail: [andre.costa.santos@aluno.uepb.edu.br](mailto:andre.costa.santos@aluno.uepb.edu.br).

## 1 INTRODUÇÃO

A história do nosso país foi marcada por um longo período de colonização europeia, a qual trouxe diversas consequências que ainda perduram na contemporaneidade. Logo, um dos episódios que ressaltam o rastro de violência do período colonial é a expedição de dois cientistas alemães no século XIX, o botânico Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868) e o zoólogo Johann Baptist von Spix (1781 – 1826).

Nesse sentido, os pesquisadores alemães levaram, segundo suas visões, diversas espécies exóticas para Munique, capital da Bavária, na Alemanha: plantas, sementes, diversas espécies de animais e cerca de seis indígenas traficados da Amazônia, entre eles, um menino do povo indígena Juri e uma menina do povo Miranha, os únicos que conseguiram chegar ao destino. Por conseguinte, ambos tiveram morte prematura: faleceram, respectivamente, seis e doze meses depois de adentrar em solo europeu.

Desse modo, a partir do contato com as litogravuras das duas crianças indígenas desconhecidas em uma exposição, a autora Micheline Verunschik cria a obra *O som do rugido da onça*, publicado pela primeira vez em 2021 e agraciado com o prêmio Jabuti de “Melhor Romance Literário” e o prêmio Oceanos, ambos em 2022. Diante desse contexto, percebemos como a obra em análise possui a capacidade de utilizar a ficção como artifício para tecer críticas ao mundo e ao passado.

Ademais, ao construir a personagem Iñe-e representando a garota sequestrada pelos cientistas como protagonista da obra, a autora evidencia as relações entre literatura, história e sociedade. Logo, a justificativa para essa pesquisa é a relevância de elucidar o viés literário como uma possibilidade de trazer à tona acontecimentos históricos e realizar críticas, partindo do desprendimento do olhar do colonizador e dando ênfase a vozes historicamente marginalizadas pela sociedade.

Diante do exposto, a pesquisa envolve a seguinte problemática: como a personagem Iñe-e, construída na obra: *O som do rugido da onça*, pela autora Micheline Verunschik, está relacionada à maternidade e a símbolos maternos mesmo sem vivenciar a experiência física da gravidez?

Nessa perspectiva, as hipóteses para esses questionamentos são as seguintes: os significados maternos constatados na obra analisada podem ser analisados como reflexos de tradições sócio-históricas que ainda perpetuam estereótipos de gênero relacionados à maternidade e, conseqüentemente, a identidade feminina em virtude da noção patriarcal acerca do papel da mulher na sociedade. Dessa forma, por meio da narrativa literária, é possível explorar temas, contextos culturais e experiências individuais e coletivas.

Além disso, a literatura pode preencher lacunas, dando voz a grupos marginalizados ou ausentes na historiografia dominante. Através de personagens, a literatura contemporânea tende a apresentar o processo de descolonização, o qual envolve a desconstrução de narrativas e estruturas coloniais, valorizando perspectivas, identidades e vozes silenciadas pela supremacia branca.

Sendo assim, nosso objetivo geral é analisar como a personagem Iñe-e simboliza a maternidade através de representações e seus significados presentes na obra da autora Micheline Verunschik. Além disso, os objetivos específicos são entender as características protagonista Iñe-e que a associam a figura materna e como esse fator contribui para o desenvolvimento da narrativa, refletir as relações que Iñe-e estabelece com outras personagens e como essas relações refletem aspectos maternos e investigar como as simbologias maternas presentes na narrativa se relacionam com a cultura, ao feminino e a perspectivas pós-coloniais.

Para alcançar os objetivos deliberados para essa pesquisa, adotaremos o desenvolvimento do método qualitativo. Conforme pontua Gil (2002, p. 133), essa abordagem



“depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação”. Desse modo, será desenvolvida uma pesquisa de cunho bibliográfico, na qual evidenciaremos estudos teóricos e críticos que serão integrados e relacionados à obra de Micheline Verunschik e aos temas abordados no romance.

Logo, com a finalidade de verificar a quantidade de estudos com similaridade acerca da temática abordada, realizamos uma busca sistemática nas seguintes plataformas digitais: Biblioteca Digital da Universidade Estadual da Paraíba e Google Acadêmico. Após analisar os títulos e resumos de acordo com os critérios de seleção (corte de período composto entre os anos 2021 a 2024), encontramos apenas 1 (um) artigo intitulado *Lembrar, criar e resistir: uma análise de o som do rugido da onça de Micheline Verunschik* (2023), publicado por Silva e Silva, sendo o estudo que mais se relaciona com nossa abordagem de pesquisa.

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em seis unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: na segunda seção, discutimos as conexões sociais entre a literatura e a História. Logo após, na terceira seção, discorremos acerca dos estudos pós-coloniais na literatura contemporânea, como também, abordamos as construções das personagens na narrativa como possibilidades para representações culturais e identitárias.

Posteriormente, na quarta seção, apresentamos brevemente o desenvolvimento dos principais acontecimentos do enredo no romance analisado. Na quinta seção, consideremos o *corpus* de análise para discussão e apontamentos, a partir da constatação de alguns aspectos teóricos. Para finalizar, na sexta seção, apresentamos algumas considerações acerca da análise neste estudo realizado e as referências utilizadas.

## 2 LITERATURA, HISTÓRIA E SOCIEDADE: INTERFACES

Ao longo dos séculos de exploração, guerras e ditaduras, a literatura tem desempenhado um papel crucial na expressão das experiências humanas em contextos de adversidade e de opressão. Logo, em todos esses contextos, a literatura tem servido como um olhar crítico da sociedade, revelando as injustiças, sofrimentos e lutas humanas em face de adversidades históricas, ao mesmo tempo em que oferece resistência.

Diante desse sentido, podemos perceber como a literatura está altamente relacionada à História, delimitando indagações acerca das relações sociais, políticas, econômicas e culturais existentes. Consoante ao pensamento de Pesavento (2012), as obras literárias possuem a capacidade de responder às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, inferindo, assim, que tanto a História como a literatura conseguem oferecer o mundo como texto. Nessa perspectiva, a autora pontua que a História, assim como as narrativas literárias, constituem-se em um conjunto discursivo de acontecimentos que são organizados utilizando o artifício da linguagem e, portanto, moldam significados.

Para tanto, conforme os estudos de Coutinho (2008, p. 24), a literatura abrange aspectos sociais, históricos e religiosos, porém transforma esses elementos em material estético, visto que "a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade". Nesse contexto, a literatura não é analisada apenas como reflexo da realidade, mas como uma recriação dessa realidade de forma única e distinta.

Sendo assim, pelo fato da linguagem ser dinâmica e multifacetada, cada texto é construído seguindo características próprias de estrutura, contextos de produção e de uso, além da intencionalidade comunicativa. Conforme os pressupostos de Chartier (1988, p. 63), “o texto, literário ou documental, não pode nunca anular-se como texto, ou seja, como um sistema construído consoante categorias, esquemas de percepção e de apreciação, regras de

funcionamento, que remetem para as suas próprias condições de produção”. Nesse sentido, cada texto deve ser analisado como um sistema vinculado a práticas socioculturais que moldam tanto a produção como a recepção

Pesavento (2012, p. 33) ilustra que a compreensão da História como uma narrativa está relacionada ao conceito de representação “que encarna a idéia de uma substituição, ou ainda da presentificação de uma ausência”. Nesse viés, a autora dialoga com os apontamentos de Chartier (1988), uma vez que ambos percebem que tanto a literatura quanto a História possuem como ponto de referência o real, embora que a literatura parte da realidade social para transformá-la em material ficcional. Segundo os estudos do autor:

A referência fundadora a Ernst Cassirer<sup>2</sup>, reivindicada pela antropologia simbólica americana, depois de o ter sido por Erwin Panofsky<sup>3</sup>, poderia constituir um incitamento nesse sentido, pois define a função simbólica (dita de simbolização ou de representação) como uma função mediadora que informa *as diferentes modalidades de apreensão do real, quer opere por meio dos signos linguísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou dos conceitos do conhecimento científico* (Chartier, 1988, p. 19, grifo nosso).

Logo, a representação traz à tona algo que não está fisicamente presente no momento da enunciação, por meio da utilização das múltiplas linguagens e dos símbolos para evocar ideias, eventos ou sentimentos. Desse modo, tanto a obra literária como o relato histórico funcionam como mediadores entre o real e a experiência humana através dos contextos sociais e, assim, oferecem diferentes formas de entender a realidade.

Diferentemente da literatura, a História necessita que os fatos e as pessoas tenham realmente existido, analisando-as por meio de fontes históricas objetivas. Nesse viés, Pesavento (2012, p. 36) elucida que “o historiador vai reconfigurar um tempo, desvendar uma intriga, fornecer resposta a uma pergunta, elaborando uma versão, é também uma forma que leva a fazer crer, antes do que comprovar de maneira absoluta”. Nessa perspectiva, há a presença da ficcionalidade no texto do historiador, visto que o mesmo está condicionado à natureza daquilo que restou do objeto de análise para testar, comparar e contrastar.

Ademais, é importante ressaltar que a literatura utiliza de mecanismos da ficção, ou seja, do imaginário, na construção das narrativas, uma vez que romances, novelas, contos, dentre outras categorias, possuem características próprias dos gêneros inseridos no discurso narrativo. A respeito deste apontamento, Nóbrega (2004, p. 90) argumenta que:

Por ser o texto literário mais fluido, mais comprometido com a estética, termina por expor a verdade de modo indireto, quando o estilo não consiste apenas na elaboração da linguagem, mas se manifesta como resultante de visões de mundo captáveis da realidade vivida e conectada com o escritor. A literatura é ainda uma forma de engajamento manifestada, também, como forma objetiva de inferir na coletividade e, assim, poder relacionar-se com a História.

Desse modo, vemos que mesmo seguindo determinadas especificidades, há uma relação intrínseca entre literatura e História, as quais se transformam em múltiplas formas de analisar as relações entre as dinâmicas sociais, transformações históricas e contextos culturais. Logo, a literatura atua como reflexo das realidades socioculturais e históricas que são perpetuadas em cada período como também podem questionar, criticar e oferecer comparações nas perspectivas sociais.

---

<sup>2</sup> Ernst Cassirer (1874-1945), filósofo alemão que desenvolveu uma filosofia da cultura que coloca em destaque a importância dos símbolos na construção da realidade e do conhecimento humano.

<sup>3</sup> Erwin Panofsky (1892-1968), historiador de arte alemão e um dos principais representantes dos estudos iconológicos. Suas pesquisas compreendem os símbolos como elementos visuais que carregam significados, os quais se conectam à cultura, à história e à psicologia humana.

Nesse cenário, os estudos pós-coloniais surgem como uma abordagem crítica que analisa as consequências decorrentes do longo percurso histórico do colonialismo. Em síntese, esses estudos examinam os resquícios coloniais presentes nas sociedades contemporâneas, sendo um dos seus objetos de estudo a literatura contemporânea, a qual reconta a partir de um novo enfoque as identidades culturais que foram subalternizadas pelas sociedades hegemônicas.

### 3 OS ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E A LITERATURA CONTEMPORÂNEA

O colonialismo foi um período em que as potências europeias estabeleceram e expandiram territórios ultramarinos, exploraram os recursos naturais e impuseram a sua cultura, língua e sistemas políticos para as populações dominadas. Desse modo, fica evidente que este processo influenciou a formação da literatura nacional, uma vez que afetou a língua, os temas abordados e a estrutura das obras literárias. Muitos países colonizados dedicaram-se a preservar e valorizar as suas tradições culturais através da literatura, num esforço para reafirmar a sua identidade nacional após séculos de domínio estrangeiro.

Nessa perspectiva, a luz dos estudos de Bonnici (2009, p. 257) acerca das teorias e críticas pós-colonialistas, compreendemos a existência da relação entre discurso e poder, uma vez que o autor afirma que “as forças políticas e econômicas, o controle ideológico e social subjazem ao discurso e ao texto”. A partir da análise das teorias de Foucault a respeito do discurso, Bonnici aponta que sejam os textos orais ou escritos, os mesmos não estão desprendidos do período histórico nos quais foram produzidos, logo que esse poder necessita dos indivíduos para ser concretizado.

Diante desse cenário, a literatura contemporânea surge com a tentativa de romper com as influências do colonialismo por meio de uma maior diversidade de vozes nas narrativas. Autores contemporâneos estão buscando representar uma gama mais ampla de perspectivas culturais e étnicas, desafiando os estereótipos e as narrativas unilaterais que foram perpetuadas durante o período colonial, a exemplo de *I-Juca Pirama*, do autor Gonçalves Dias, o qual constrói uma visão idealizada e romântica do indígena, sendo uma imagem próxima dos heróis das narrativas de cavalaria do período medieval, o que corrobora com a ideia de que:

Embora o discurso seja repleto de poder, não é imune aos desafios ou às mudanças internas: é o lugar de conflito e luta, encarregado de criar e suprimir a resistência. Para Foucault, o discurso reforça o poder e, ao mesmo tempo, o subverte. Ao ser exposto, o discurso torna-se frágil e fica mais propenso a ser contrariado. (Bonnici, 2009, p. 259).

Nesse cenário, os discursos não atuam apenas como meios para perpetuar a hegemonia, visto que os discursos podem se configurar como espaços nos quais diferentes vozes conseguem contestar as perspectivas pré-estabelecidas. Dessa forma, a literatura contemporânea busca, paulatinamente, subverter os discursos dominantes com a presença de vestígios coloniais.

Bonnici (2009) aponta que a situação de opressão que advém do período colonial existe a partir de uma ideologia de duas classes contrastantes mantidas pelos colonizadores. Segundo o autor, o colonizador “se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado em ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial” (Bonnici, 2009, p. 265). Nessas duas classes antagônicas, há a hierarquia que diverge oprimidos e opressores pela moralidade considerada superior, ou seja, as classes de sujeito e de objeto.

Para elucidar essa questão, verificamos que no capítulo VIII da obra de Verunschik, a

narradora tem o foco narrativo em Martius, o qual escreve para o rei acerca da viagem e de todos os elementos que está levando para Munique (incluindo os indígenas). Conforme afirma a narradora: “Expurgar, desviar, eliminar a variação torna-se um hábito para quem escreve ou reescreve a história, especialmente a história dos outros [...]” (Verunsch, 2021, p. 33). Logo, é evidenciado como a supremacia dominante, a qual era a única que adquiriu a linguagem escrita, conseguia manipular os fatos que eram escritos em detrimento de seu “desejo de verdade”.

Dessa maneira, mais adiante, constata-se uma crítica explícita a respeito do silenciamento do indígena em detrimento do poder ideológico de Martius. Conforme exposto, quando Martius “coloca na legenda a menina como pertencente a M. J. do Paco, governador do rio Negro. Para ele não há nome anterior a Isabella Miranha. Para ele, ela não tem história” (Verunsch, 2021, p. 36). Desse modo, as duas crianças que recebem os nomes na ficção de Iñe-e e Juri são batizadas pelos exploradores de Isabella Miranha e Johann Spix, na tentativa de apagar suas identidades indígenas e determiná-los como propriedades europeias.

Sob essa óptica, Verunsch (2021) afirma, em entrevista concedida a Tomaz Amorim Izabel, que ao não encontrar muitas informações sobre as crianças e a história que a intrigava começou a sentir a necessidade de pesquisar mais sobre o assunto. Essa busca por mais conhecimento e reflexão a levaram ao estudo dos livros *Viagem pelo Brasil*<sup>4</sup>, escrito pelos próprios Spix e Martius e *A nova Atlântida de Spix e Martius: Natureza e civilização na Viagem pelo Brasil*<sup>5</sup>, da professora Karen Macknow Lisboa, a qual constatou a presença de rasuras do botânico Martius.

Nesse sentido, obras da contemporaneidade como *O som do rugido da onça*, criada a partir de estudos documentais pela autora e historiadora pernambucana Micheline Verunsch, surgem com a necessidade de elucidar perspectivas que foram silenciadas e deixadas à margem pela historiografia hegemônica, especificamente da voz dos povos originários do Brasil, massacrados pelo grupo colonizador. Os principais registros das duas crianças indígenas traficadas são os escritos deixados pelos pesquisadores Martius e Spix, homens brancos do grupo dominante europeu, o que configura uma problemática na construção da nossa história e identidade brasileira marcada pela pluralidade.

Nesse viés, na literatura contemporânea e seus contextos pós-coloniais, os personagens são construídos a partir de reflexões, uma vez que representam experiências individuais e coletivas decorrentes de processos coloniais. Dessa maneira, os personagens permitem nossa análise para nuances identitárias, através de processos de reivindicação diante das perspectivas sociais e políticas impostas por grupos dominantes, o que proporciona o entendimento de como é pertencer a uma cultura específica.

### 3.1 Personagens, representações culturais e identidade

Nas narrativas ficcionais, um dos elementos centrais na construção do romance são as personagens, criadas com intuito de refletir aspectos da condição humana e transmitir identificações entre os leitores, entre outras funções. Logo, na obra de Verunsch, é importante ressaltar a construção da personagem Iñe-e, a garota indígena sequestrada no século XIX e de Josefa, personagem inserida no século XXI que, assim como a autora, encontra com as imagens dos índios sequestrados de suas comunidades durante uma exposição. Nesse contexto, o encontro imediato a leva a questionar sua ancestralidade, pois, mesmo vivendo no Brasil contemporâneo, sua identidade indígena é apagada.

Para Nóbrega (2004), as personagens são apontadas como o conjunto de um processo de metaforização da realidade. De acordo com os pressupostos da autora, “quando se pensa

<sup>4</sup> Confira informações adicionais em: <https://periodicos.ufs.br/tempopresente/article/view/4241/3481>.

<sup>5</sup> Para mais detalhes, consulte: <https://caph.flch.usp.br/node/2434>.

nas personagens, pensa-se na vida que vivem, nos problemas que se enredam, na linha de seu destino [...] E a literatura, estabelecendo compromisso com o social, aponta caminhos e se insere na história, representando-a” (Nóbrega, 2004, p. 92). Logo, esse apontamento demonstra a relevância da representação por meio da presença das personagens na ficção, uma vez que a linguagem fictícia imita a realidade.

Sob a luz dos estudos de Pesavento (1998, p. 19), a representação tende a procurar e “resgatar o modo como, através do tempo, em momentos e lugares diferentes, os homens foram capazes de perceber a si próprios e ao mundo, construindo um sistema de idéias e imagens de representação coletiva”. Desse modo, a identidade é descrita como um processo que envolve tanto aspectos pessoais quanto coletivos, no qual cada indivíduo se define em relação a um “nós”, diferenciando-se, por sua vez, dos “outros”, visto que a representação converte-se em um recurso fundamental para a refletir acerca da história cultural.

Segundo Pesavento (1998) a representação enuncia um “outro” distante no espaço e no tempo, estabelecendo uma relação de correspondência entre ser ausente e ser presente. Na narrativa de Verunschck, a personagem Josefa muda-se de Belém do Pará para a metrópole de São Paulo, na tentativa de apagar seu passado e sua identidade: “se educando em novos gostos, novas experiências, construindo uma desidentidade” (Verunschck, 2021, p. 88). Seus pais são um homem branco, originário da Colômbia, e uma mulher indígena brasileira, que faleceu durante o parto. Nesse contexto, Josefa foi criada pela família paterna, majoritariamente branca. Durante esse período, é pejorativamente chamada de “bugra” por uma tia, como forma de associar sua ancestralidade a um comportamento “selvagem”.

No entanto, a tentativa de alcançar sua “desidentidade” é interrompida ao visualizar as imagens das crianças indígenas sequestradas na exposição com o título: *Os índios vistos como parte da fauna*. Posteriormente, no capítulo V da segunda parte da obra, fica evidenciado que “Josefa não sentira necessidade de falar de si como desde que visitou a exposição no coração da avenida Paulista [...] Mas que à parte as contradições do mundo em transformação, lhe trouxera uma melhor compreensão de si mesma e de sua história pessoal” (Verunschck, 2021, p. 98). Para a personagem, ver esses quadros é um processo desconfortável, uma vez que a realidade dos povos indígenas ativa sua história identitária.

Nessa perspectiva, esse fenômeno pode ser explicado a partir de Pesavento (1998), quando a estudiosa argumenta que a representação consiste na apresentação de um ausente, o qual é visualizado por meio de uma imagem mental ou visual, que por sua vez pode ser respaldada por uma imagem discursiva. Conforme dos pressupostos da autora:

As representações do mundo social não são o reflexo do real nem a ele se opõem de forma antitética, numa contraposição vulgar entre imaginário e realidade concreta. Há, no ato de tornar presente ou ausente, a construção de um sentido ou de uma cadeia de significações que permite a identificação. Representar, portanto, tem o caráter de anunciar, “pôr-se no lugar de”, estabelecendo uma semelhança que permita a identificação e reconhecimento do representante com o representado (Pesavento, 1998, p. 19).

Além disso, a personagem Iñe-se também passa pelo processo de conscientização identitária. Na terceira parte da obra, após o falecimento de Iñe-se no solo europeu, a menina transforma-se na lendária Grande Onça, personagem que na obra ganha o nome de Tipai-uu. Logo, após essa transformação seu nome passa a ser Uaara-Iñe-e e a personagens visualiza momentos violentos que constituem a história nacional, tais como o massacre indígena, a escravidão dos africanos e a degradação ambiental. Vejamos o trecho abaixo que ilustra isso:

Muitas Iñe-es passando sob sua vista, muitas delas sem voz, outras delas de outros povos, meninas e meninos de outros tamanhos, de dessemelhantes parecenças, mas, un-un, morrendo tudinho de igual morte, em tempo muito curto de viver, tudo, tudo desperdiçado (Verunschck, 2021, p. 143).

Esse momento é a base de uma resistência, o acesso a uma memória coletiva que não se limita apenas ao passado, mas que representa sempre uma presença na atualidade, permitindo enxergar as engrenagens de destruição do colonizador. Dessa maneira, a presença da identidade, ancestralidade e coletividade indígena na literatura contemporânea torna-se um artifício para reconstruir a memória e denunciar as atrocidades cometidas pelos grupos opressores.

Na obra *O som do rugido da onça*, Micheliny Verunschik constrói personagens que possuem identidades entrelaçadas a representações culturais, o que revela simbolismos e complexidades por meio de resquícios coloniais no mundo contemporâneo. Dessa forma, essas personagens representam as camadas sociais formadas por acontecimentos históricos e políticos, visto que as identidades sociais são moldadas também por forças externas. Logo, percebemos como as personagens perpassam a simples função de categoria fictícia, são representações de denúncias e resistências.

#### **4 MICHELINY VERUNSCHK E O DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA “O SOM DO RUGIDO DA ONÇA”**

Micheliny Verunschik nasceu em Recife, Pernambuco, em 1972. É historiadora e escritora, além de mestre em Literatura e Crítica Literária e doutora em Comunicação e Semiótica, ambos títulos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). A autora, frequentemente, aborda temáticas do feminino em suas obras e, dessa forma, tece reflexões e críticas aos resquícios oriundos das amarras coloniais e patriarcais. Nesse contexto, nossa análise tem foco no livro *O som do rugido da onça*, publicado em 2021.

Desse modo, a narrativa inicia com a afirmação da narradora que está emprestando a voz para Iñe-e que está morta, como uma possibilidade de liberdade, uma vez que, conforme pontuado “mas o que posso fazer senão contar, entre as rachaduras, esta história?” (Verunschik, 2021, p. 15). Logo, retornamos ao momento do nascimento dos gêmeos Iñe-e e Tsittsi, além das escolhas de seus nomes que são motivadas, respectivamente, pelo fruto do buritizeiro e pelo som do trovão.

Ademais, a obra expõe o encontro de Iñe-e (criança) com a Grande Onça, figura temida pelo povo Miranha, e a percepção do pai como um sinal de maldição “naquele dia, o entendimento do pai dizia que a filha, por haver se ajuntado em pacto com a inimiga, mesmo sem ter ciência do que havia de fato acontecido, era agora inimiga como a onça” (Verunschik, 2021, p. 18). Posteriormente, Iñe-e se encontra com o branco Martius pela primeira vez, ele chega ao povo Miranha doente. O contato com Martius faz com que o pai de Iñe-e adquira os costumes, as roupas e a língua do europeu, além da religião cristã ao ser batizado.

Conforme a autora, Iñe-e ouve sua mãe dialogando com outras mulheres que seu pai “pegara a doença dos brancos e que estava se tornando um estrangeiro em sua própria nação. Mas os guerreiros mais velhos e mesmo os jovens pareciam estar todos de acordo com ele, e o povo miranha se congratulava pelas trocas que o chefe se empenhava em realizar” (Verunschik, 2021, p. 22). A narrativa debate como crianças e mulheres eram usadas como moedas de troca, inclusive, Iñe-e é dada como presente a Martius pelo seu próprio pai.

Outrossim, no livro temos a presença da personagem contemporânea Josefa, a qual busca negar sua identidade indígena ao fugir de sua cidade natal para São Paulo, até que o encontro com as litogravuras dos indígenas sequestrados no século XIII proporcionar a ressignificação acerca de sua própria identidade. Ademais, constantemente a personagem reflete a respeito da discriminação vivida em virtude de sua própria família, principalmente por sua tia, além de procurar registros da história das duas crianças a fim de resgatar suas memórias.

No decorrer da narrativa, temos uma forte presença da cultura e cosmologia indígena, como a crença de Iñe-e de que o rio a impediria de ser levada para a Europa. Nesse contexto, obtemos um olhar analítico ao processo desumano de navegação, o qual é marcado por assédio, fome e sede, além do fato dos indígenas e os animais mortos serem simplesmente jogados ao mar.

O caminho do mar transformado em uma vala comum e inconstante. Crianças e bichos, todos tombados na água sem nenhum ritual, como duras tábuas de madeira despencadas em túmulo semovente. Longe de suas famílias, nunca encontrariam o caminho para qualquer terra sem males onde pudessem se reunir com seus ancestrais (Verunsch, 2021, p. 42).

Dessa maneira, há uma crítica ao modo como o colonizador detém a palavra e age de acordo com seus desejos, enquanto os subalternos são silenciados. Nesse viés, apenas Iñe-e e Juri sobrevivem até Munique e, ao chegarem ao palácio, Iñe-e “relembra o dia no navio em que acordara com as mãos do capitão em suas pernas” (Verunsch, 2021, p. 68). Nesse contexto, a narradora se refere a inspeção realizada durante a apresentação ao rei e elucida como os indígenas eram tratados como objetos pertencentes à coroa, inclusive eram usados como brinquedos pelas filhas do rei.

Diante desse cenário, conhecemos a rainha Karoline, a qual se sentia socialmente excluída pelo fato de ser mulher e protestante, em uma sociedade extremamente patriarcal e católica “[...] apesar do dinheiro, nome e tradição, ainda era uma mulher com todas as limitações que esse fato impunha” (Verunsch, 2021, p. 77). Esse fator faz com que Karoline se sinta conectada às crianças e as mães que tiveram seus filhos sequestrados, principalmente após a morte de sua filha caçula. Desse modo, a rainha entra em estado de crise emocional após as mortes de Juri e Iñe-e, ocorridas, respectivamente, dentro de seis e doze meses após desembarcarem na Alemanha.

Nessa perspectiva, após a morte de Iñe-e, a menina se encontra com a Tipai uu, a Grande Onça, a qual representa a própria ancestralidade “a pele dela parecia um lugar, uma terra que ela já havia conhecido” (Verunsch, 2021, p. 122). Logo, Iñe-e vivencia uma transmutação e se converte em Uaara-Iñe-e, uma onça mística que desperta seu lado ancestral e analítico. A personagem retorna a Amazônia e visualiza todo genocídio e discriminação que ocorrerão no futuro aos indígenas. Por fim, a personagem efetua o rugido da onça, símbolo da resistência, dentro de um templo da deusa Diana no palácio Residenz, em Munique.

Logo, ao analisarmos a representação feminina na personagem Iñe-e, conseguimos perceber associações com características maternas que contribuem para o desenvolvimento da narrativa como também permitem a análise acerca da identidade feminina. Nesse sentido, apesar da personagem não experimentar biologicamente uma gravidez, sua perspectiva individual e seus relacionamentos interpessoais revelam nuances maternas que representam a maternidade de uma maneira que transcende a biologia, conforme nosso estudo.

## **5 UMA ANÁLISE DO FEMININO PELO VIÉS DA MATERNIDADE E DAS SIMBOLOGIAS MATERNAIS**

No momento inicial da narrativa, há o nascimento dos gêmeos Iñe-e e Tsitsi. O avô das crianças, e também xamã da comunidade, é responsável por escolher os nomes dos gêmeos. O significado do nome de Iñe-e é motivado a partir da sua “pequena boca vermelha como o fruto do buritizeiro” (Verunsch, 2021, p. 17). Nessa perspectiva, ao analisarmos a relação do nome da personagem conseguimos constatar uma conexão com a maternidade por meio da interpretação das motivações para essa escolha.

A boca pode ser relacionada ao fator essencial da nutrição, visto que é um elo entre o

bebê e a mãe através da amamentação, além de uma forma principal de transmissão do afeto e ensinamentos maternos. Além disso, a narrativa também menciona o fruto do buritizeiro. Dessa forma, simbolicamente, essa ideia do fruto consegue representar a noção de fertilidade, geração de vida e sustento de crescimento através do alimento.

Nessa perspectiva, a cor vermelha, segundo a psicologia das cores, consegue representar o amor e o sangue, ou seja, tanto a conexão espiritual como a conexão biológica entre mãe e filho. A cor pode ser relacionada à ideia de origem, visto que, consoante ao pensamento de Heller (2013), estudos comprovam que a cor vermelha é a designação de coloração mais antiga, sendo também relacionada à própria palavra “colorido” em diversas línguas antigas. Além disso, também é importante destacar que, por ser uma cor primária, outras cores surgem a partir dela.

Desse modo, Heller (2013) pontua que tipicamente o vermelho é uma cor que remete ao masculino como, por exemplo, a cor de Jesus Cristo em contraste com a cor azul associada a Maria. Nesse sentido, há uma distinção criada pela Igreja Católica, já que “na Eucaristia, simbolicamente se bebe sangue, o sangue de Cristo; mas, por outro lado, alguns sacerdotes excluíaam as mulheres menstruadas dessa cerimônia, por profanarem o altar” (Heller, 2013, p. 109). Nesse contexto, o vermelho masculino pode ser relativo ao sacrifício e purificação por Cristo, enquanto o vermelho feminino é relacionado a menstruação e a reprodução.

Ademais, o fruto consegue também refletir a ideia das diferentes etapas da vida humana como ocorrem com as árvores: flores (infância), frutos verdes amadurecendo (adolescência), frutos maduros (idade adulta e a possibilidade de nutrição para outras vidas pela procriação). Diferentemente da irmã, “o irmão, em tudo igual e diverso dela, nasce destinado à guerra e, por seu grito, como que de trovão, Tsittsi é chamado” (Verunsch, 2021, p. 17). Nesse sentido, a escolha do nome do irmão gêmeo tem relação com o trovão, uma associação a noção de força, poder e masculinidade, visto que, frequentemente, os deuses do trovão são representados como masculinos imponentes e conquistadores, como o deus romano Júpiter (Zeus, na mitologia grega).

Entre os períodos Paleolítico e Neolítico predominava o culto à Deusa Mãe e suas ligações com dons de fertilidade, nutrição e regeneração, ou seja, pela geração de vida. No entanto, a partir das invasões indo-europeias, cresceu a ocorrência de guerras, nas quais deuses masculinos ocupavam o lugar de deusas “[...] deuses recém-chegados enfrentam e dominam os antigos deuses, condenando-os a regiões obscuras ou admitindo-os de forma subordinada no panteão principal” (Oliveira, 2005, p. 5-6). Dessa maneira, essas dominações através da força e poder constituem a construção de uma reorganização social.

Conforme os pressupostos de Bulfinch (2002), Júpiter destronou seu pai Saturno, dividiu seus domínios entre seus irmãos Plutão e Netuno e se tornou rei dos deuses e dos homens. A ocorrência dessas guerras idealizadas pelos povos nômades, consoante ao pensamento de Oliveira (2005, p. 6), “repete-se em várias mitologias patriarcais, com as Deusas-Mães, ou a primeira geração dos seus filhos”. Nesse viés, após Júpiter destronar Saturno, ele aprisiona e castiga os irmãos de seu pai, os Titãs, filhos e filhas originários da própria Terra.

Outrossim, em outro momento da narrativa, após o falecimento das personagens Iñe-e, Juri e a filha caçula do rei, temos contato mais próximo o lado maternal da rainha Karoline. Conforme a obra, “Karoline sentia-se desmoronar por três crianças sob seus cuidados falecerem em tão curto espaço de tempo. A dor pela perda da filha caçula era uma flecha atravessando sua garganta” (Verunsch, 2021, p. 113). Nesse sentido, podemos perceber que a rainha Karoline está em um estado de desespero extremo e sobrecarregada por não obter êxito nas expectativas sociais atreladas a ser mulher/mãe para a sociedade.

Embora esse capítulo da narrativa esteja centrado no século XIX, a compressão da maternidade por uma perspectiva de perfeição ainda é constatada nas sociedades



contemporâneas. Nesse sentido, há uma pressão social relacionada ao papel da mãe que impõe a condição de administrar prosperamente todas as dificuldades geradas durante os cuidados para os filhos, sendo ela também considerada culpada quando surgem situações negativas que fogem do seu monitoramento e controle.

Dessa maneira, há a criação de um mito no qual a figura materna não pode cometer erros ou, conseqüentemente, ela será mal vista e criticada pela sociedade. Desse modo, podemos inferir que essa concepção acerca da figura materna advém de uma perspectiva sócio-histórica, adorativa e psíquica relacionada ao arquétipo da Grande Mãe. Logo, cabe ressaltar que o culto à Grande Deusa interpreta a vida como uma manifestação oriunda da própria terra e que a morte é um retorno, o qual permitiria um novo nascimento.

Nesse contexto, segundo os estudos de Oliveira (2005, p. 3), no período Neolítico houve uma valorização da Grande Deusa como fonte de fertilidade “e, pensam historiadores e arqueólogos, também da mulher vista como a criadora no âmbito do humano”. Dessa maneira, a fecundidade da terra é equiparada à fecundidade da mulher e, conseqüentemente, surge a visão da mulher como responsável pela agricultura, para realização da colheita e de rituais que assegurariam a fartura e a fertilidade no solo.

Ademais, em virtude da associação a Grande Mãe, a mulher é “também a curadora que conhece as ervas e a protetora que guarda o sono dos mortos até que estejam prontos para retornarem” (Oliveira, 2005, p. 4). Nessa perspectiva, o feminino também é atrelado ao fator de regeneração, visto que havia uma interpretação de que a semente enterrada pelas mulheres durante o plantio retornava a vida.

Diante do exposto, é válido salientar o conceito de arquétipo desenvolvido por Carl Jung. De acordo com Neumann (1990, p. 19), esses processos energéticos manifestam seus efeitos “em emoções negativas e positivas, em fascinações e projeções e também no medo; Além disso, no sentimento de que o ego está sendo julgado e nos estados de maníaco e de depressão”. Logo, os arquétipos são padrões, símbolos e ideias pré-estabelecidas entre as culturas passadas e as contemporâneas, manifestadas em cada um desses estados.

Além disso, esses modelos são estruturas psíquicas comuns entre todos nós, através de um inconsciente coletivo. Conforme os estudos de Neumann (1990, p. 20) os efeitos dos arquétipos ocorrem mesmo sem serem aprovados ou depreciados de maneira consciente, uma vez que há pelo inconsciente “uma pressão irresistível e sempre vem acompanhado de um forte componente emocional”. Na obra de Verunschik, a personagem Karoline entra em estado de colapso emocional pelo falecimento das três crianças pelo sentimento de inadequação.

O arquétipo da Grande Deusa tem duplo caráter: positivo, através dos aspectos referenciados a Deusa como geração, nutrição, proteção e regeneração; e, também, negativo, no qual “a morte e a destruição, o perigo e a penúria, a fome e o desamparo aparecem como impotência diante da Mãe sinistra e terrível” (Neumann, 1990, p. 134). Logo, essa imagem explicaria o estado emocional da personagem ao não conseguir evitar a morte das três crianças, as quais ela depositava cuidados maternos: houve a inadequação da idealização do cuidado inabalável e do equilíbrio nos ciclos de vida dos filhos, ou seja, o distanciamento dos aspectos positivos da imagem sócio-histórica da Grande Mãe.

Além disso, outro ponto essencial no romance são as lápides construídas para os túmulos de Iñe-e e Juri pela rainha. O menino Juri é esculpido na placa com o peito projetado e cabeça para trás, em uma típica posição heroica. Nesse contexto, podemos associar a uma imagem simbólica de força, coragem e honra, assim como a noção de proteção e liderança social.

Em contraste, Iñe-e é esculpida envolvendo “seu ventre com as mãos, tal como as grávidas fazem quando descobrem estar gestando ou querem, com esse gesto, proteger a cria” (Verunschik, 2021, p. 112). Dessa forma, podemos refletir a partir da ideia de que ambas as lápides são construídas para representar a ideia de homenagem e honra. Nesse viés, a honra de

Iñe-e é atrelada à concepção da maternidade, mesmo que a personagem não tenha experimentado fisicamente o estado de gravidez.

Logo, podemos inferir que, como a mulher, em comparação com o homem, é a única capaz de gestar, a gestação tornou-se uma idealização da identidade feminina para as sociedades ao longo dos séculos. Essa expectativa social constitui uma noção limitante, visto que é submetida a mulher a “missão” de reprodução para a geração de vida, sendo a maternidade o objetivo principal enquanto a história, potencialidades e interesses são postos como secundários na construção da feminilidade.

Ademais, o “som do rugido da onça”, conforme mencionado no título, ocorre em um templo da deusa romana Diana. O rugido da onça configura-se como uma metáfora para o despertar através do conhecimento da ancestralidade que perpassa as gerações. Desse modo, conseguimos analisar que a escolha do templo também mantém relação com o feminino e a maternidade. A deusa Diana é associada ao feminino, a caça e a natureza, elementos que estão diretamente relacionados com a obra de Verunschik.

Nessa perspectiva, a deusa Diana era vista na antiguidade como protetora e intercessora das mulheres durante o parto. Além disso, como deusa da natureza, podemos relacioná-la também à ideia de fertilidade e nutrição da terra e dos seres vivos como também no sentido de multiplicação da vida. Outrossim, a deusa Diana é retratada como uma figura feminina independente, livre e autônoma, o que poderia representar um contraponto no modelo idealizado que relaciona o ser mulher/mãe por um viés tradicionalista.

Conforme mencionado, a personagem Iñe-e nasceu em um parto de gêmeos com seu irmão Tsitsi. Assim como os personagens da narrativa, a deusa Diana também nasceu em um parto de gêmeos, juntamente com seu irmão, o deus romano Febo. Enquanto Febo é considerado deus do sol, Diana é considerada deusa da lua. Dessa maneira, nos últimos capítulos da narrativa, como despedida, Onça Grande guia Iñe-e “conduzindo igara pro caminho da lua, que era para onde a barca tinha de ir” (Verunschik, 2021, p. 112). O simbolismo da lua consegue ser relacionado à noção de maternidade, visto que a lua passa por ciclos, assim como a menstruação feminina e as mudanças ocorridas durante a gestação e crescimento dos filhos.

Outrossim, diante do exposto, o rugido da onça proferido por Iñe-e simboliza a resistência pela ancestralidade indígena. O fato do rugido ocorrer especificamente no templo da deusa Diana, em Residenz, maior palácio de Munique, na Baviera, Alemanha, é uma crítica a tentativa de apagamento da memória cultural para imposição de padrões eurocêntricos. Assim, ao observarmos a própria deusa Diana e suas ligações com a natureza e elementos como a lua, constatamos evidentes relações com as narrativas originárias brasileiras em tribos indígenas.

Nesse contexto, consoante ao pensamento de Jecupé (1998), a origem da humanidade, para os povos indígenas, está atrelada a formação da terra e esta, por sua vez, está relacionada à presença do sol, da lua, dos quatro elementos da natureza e das estrelas. Dessa maneira, “algumas tribos seguiram a lua e teceram um conhecimento para o interior da terra e o interior de si [...] buscavam aprender com os espíritos da natureza os fundamentos da existência” (Jecupé, 1998, p. 47). Há tribos que podem ser citadas como reconhecedoras da atuação e importância do homem-lua desde quando este ainda habitava a terra, conforme a cosmologia nativa. Um desses exemplos é o povo Tupinambá.

Em *Meu destino é ser onça*, Mussa (2011) reconstrói a narrativa originária Tupinambá a partir de fragmentos de escritos do frade francês Thevet, no século XVI. Por meio da obra, constatamos a presença de Jaci, divindade que se transformou na própria Lua, segundo a mitologia indígena. Jaci era filho de Andejo, ser mítico capaz de prever o futuro através do espírito Uiucirá. Na narrativa, a mãe de Jaci foi abandonada grávida por Andejo e, na tentativa de encontrá-lo, pede a intervenção de Jaci, que a orienta de dentro do ventre.

No decorrer do caminho, a mulher de Jaci é violentada e engravida de Pirapanema, irmão gêmeo de Jaci, o qual se transforma em Vésper, o planeta Vênus, considerado a estrela que acompanha a lua pelo povo Tupinambá. Desse modo, a respeito das frequentes ocorrências de dualidades, Jecupé (1998, p. 35) discorre que as tribos indígenas “desenvolveram uma sensibilidade para sentir contatar e interagir com as energias da terra [...] uma compreensão das polaridades que regem a vida presente em todas as vidas”. Além da associação com a lua, as divindades Diana e Jaci se relacionam pelo fato de ambos serem irmãos gêmeos que são representações duais da natureza (lua/sol) e (lua/estrela).

Além disso, é essencial ressaltar a associação de Jaci com a maternidade, além do próprio aspecto interpretado pelo simbolismo da lua discutido anteriormente. De acordo com os estudos de Mussa (2011, p. 212), quando acontecia a fase da lua nova, os povos Tupinambá golpeavam “com um pau no chão, para as mulheres não sentirem dores no parto”. Nesse contexto, a divindade Jaci era invocado para interceder pelas mulheres indígenas durante o parto, assim como ocorria com os cultuadores da deusa Diana em templos da antiguidade.

Logo, segundo a mitologia Tupinambá, Jaci possui o dom da regeneração e ressuscitação. Após a morte da mãe, para comprovar que era filho de Andejo, Jaci foi desafiado a cumprir três provas juntamente com seu irmão Pirapanema. No decorrer das provas, ele cura a si próprio e o irmão, além de ressuscitá-lo. Dessa maneira, podemos interpretar essa continuidade da vida pela maternidade, visto que Jaci proporciona bem-estar e proteção, características tradicionalmente atribuídas às figuras maternas. Na narrativa de Verunschck, no momento em que a protagonista está como a onça mística Uaara-Iñe-e, podemos associá-la à força maternal da divindade Jaci.

Dessa forma, seu irmão Tsittsi havia se escondido dentro da mata fechada desde o sequestro de Iñe-e, porém ele é tranquilizado após seu rugido. Além disso, o romance descreve que Iñe-e conseguia visualizar os espíritos dos indígenas que faleceram durante a navegação flutuando, assim como o espírito de Juri com a cabeça desprendida do corpo (retirada durante a necropsia pelos cientistas). Após seu rugido, os indígenas são alegremente libertados do território alemão, sendo o espírito de Juri apresentado com o corpo restaurado. Nessa perspectiva, Uaara-Iñe-e, assim como Jaci, consegue proporcionar cuidado, bem-estar e regeneração para aqueles com quem possui conexão afetiva.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado, nessa pesquisa objetivamos analisar o romance *O som do rugido da onça*, considerando, sobretudo, o aspecto simbólico da maternidade. Para tanto, visamos compreender como a literatura contemporânea de Micheline Verunschck consegue ultrapassar os limites ficcionais e dialogar com a realidade sócio-histórica, possibilitando a construção de simbologias maternas e a resignificação da identidade feminina representada através da construção da personagem romanesca Iñe-e.

Nessa perspectiva, a partir do nosso objetivo geral, compreendemos a personagem Iñe-e como uma possibilidade para explorar as diversas camadas do significado de maternidade. Ademais, os objetivos específicos delineados foram fundamentais para a estruturação da nossa análise. Primeiramente, a partir do entendimento acerca das características da protagonista Iñe-e, constatamos como ser mãe não é apenas um papel desempenhado, mas uma construção social complexa.

Além disso, refletir sobre as relações que Iñe-e estabelece com outras personagens permitiram analisar a maternidade não apenas como uma experiência individual, mas também como um elemento que dialoga com uma coletividade sociocultural. Por último, ao investigar as simbologias maternas presentes na narrativa em relação às perspectivas pós-coloniais, concluímos que a obra de Verunschck se torna um mecanismo multifacetado de reflexão e

afirmação identitária, o que enriquece as narrativas contemporâneas sobre o feminino.

Desse modo, a partir de estudos pós-coloniais, percebemos como a literatura contemporânea tende a trazer à tona nossas percepções críticas e analíticas entre passado e presente ao construir personagens que representam grupos sociais historicamente marginalizados, tais como povos originários, negros, mulheres, comunidade LGBTQIAP+, imigrantes e refugiados. Ademais, a presença de voz e visibilidade desses grupos por meio da manifestação artística literária consegue provocar resistência e desnudar o silenciamento imposto pela historiografia oficial que carrega resquícios do domínio europeu.

Ao longo deste trabalho, confirmamos nossas hipóteses de que os elementos presentes na obra analisada refletem tradições sócio-históricas que perpetuam estereótipos de gênero, ligados a noções patriarcais. Nesse cenário, essa pesquisa elucida um ideal de maternidade que impõe à mulher a imagem de um ser sacrificial, cuja identidade é muitas vezes reduzida à sua capacidade de gestar e cuidar. A figura da mãe é, frequentemente, idealizada como a personificação do amor incondicional e a expectativa de que ela não pode cometer deslizes.

Portanto, essa pesquisa é enfatizada pela relevância de demonstrar as especificidades literárias como uma maneira de perceber como a pressão social não só limita a individualidade da mulher, mas também perpetua a ideia de que seu valor está intrinsecamente relacionado à sua habilidade de ser mãe. Além disso, a obra de Verunschik permite a reflexão sobre as consequências desse ideal de maternidade e a necessidade de desconstruir esses padrões idealizados. Nesse sentido, esperamos que esse trabalho possa despertar o interesse para futuras produções científicas e contribuir como aporte teórico para outros pesquisadores.

## REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DIAS, Gonçalves. **Cantos**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: Como as cores afetam a emoção e a razão**. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A Terra do Mil Povos: História Indígena do Brasil contada por um índio**. São Paulo: Peirópolis, 1998.

MUSSA, Alberto. **Meu destino é ser onça**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do**

inconsciente. São Paulo: Cultrix, 1990.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. Literatura e História: um diálogo possível. *In*: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **Literatura e Estudos Culturais**. 1. ed. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba - EdUFPB, 2004. 214p.

OLIVEIRA, Rosalira. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. **Revista Ártemis**, n. 3, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2200>. Acesso em: 29 set. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da História e da Literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. *In*: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998. p. 17-40.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 31–45, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30220>. Acesso em: 1 abr. 2024.

SILVA, Solange Regina da; SILVA, Isabela Lapa. Lembrar, criar e resistir: uma análise de o som do rugido da onça de Micheline Verunsch. **REVISTA ELETRÔNICA HUMANA RES**, v. 5, n. 8, 2023. Disponível em: <https://revistahumanares.uespi.br/index.php/HumanaRes/article/view/190>. Acesso em: 20 abr. 2024.

VERUNSCHK, Micheline. **O som do rugido da onça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

VERUNSCHK, Micheline. “Precisamos de ruptura”. [Entrevista concedida a] Tomaz Amorim Izabel. **Jornal Rascunho**, São Paulo, ed. 253, maio de 2021. Disponível em: <https://rascunho.com.br/entrevista/precisamos-de-rupturas/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, meu alicerce em todos os momentos da minha vida e meu guia em cada etapa deste trabalho. A presença do Senhor me fortaleceu e me permitiu alcançar a perseverança necessária para não desistir.

Agradeço de coração à minha mãe, Maria José, cuja força e amor incondicional sempre foram responsáveis por iluminar todos os passos do meu caminho. Além disso, sou grato ao meu pai, Iremar (*in memoriam*), que mesmo ausente, deixou um legado de sabedoria e determinação que me inspira a buscar sempre o melhor. Juntos, eles plantaram em mim a semente da educação, uma herança que levarei para toda a vida.

Um agradecimento especial às minhas irmãs, Elizângela e Elizama, e ao meu irmão, Denys, pelo apoio constante durante toda a minha trajetória. Vocês foram fundamentais para minha chegada até aqui, visto que suas palavras de encorajamento e amor me deram força nos momentos mais desafiadores. Cada conquista que celebrei também foi uma celebração do nosso laço familiar e do suporte que sempre recebi de vocês.

Agradeço também às minhas sobrinhas, Aline, Alana e Maria Helena, que trouxeram tantas alegrias ao longo deste percurso. A energia contagiante delas iluminou meus dias e me

lembrou da importância de sorrir mesmo nas horas mais difíceis.

Sou imensamente grato ao meu orientador, Dr. Olavo Barreto de Souza, cuja orientação foi essencial para o meu desenvolvimento acadêmico. Ele não apenas me guiou em minha pesquisa, mas também me ensinou a importância de acreditar no poder transformador do conhecimento. Desse modo, sua paixão pela educação e seu compromisso com o ensino me conduziram a ir além dos limites.

Agradeço aos examinadores da banca, Me. Joseane Mendes Ferreira e Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa, pela disponibilidade, presença e valiosas contribuições ao meu trabalho.

Quero também expressar minha profunda gratidão à minha amiga Jocely Matias, a qual estive ao meu lado nas tribulações e nos bons momentos desde o 3º ano do ensino médio. Nosso percurso começou no Clube de Protagonismo Juvenil em Literatura, onde compartilhamos sonhos e desafios, e se estendeu até o último período da faculdade. Juntos, enfrentamos os altos e baixos dessa caminhada, construindo memórias que levarei para sempre no meu coração.

Agradeço ainda à amiga com que a UEPB me presenteou: Mayra Cavalcanti, que me proporcionou muita alegria e companheirismo nos desafios enfrentados ao longo dessa jornada e me inspirou diariamente a acreditar no meu potencial. Sou extremamente grato por sua presença na minha trajetória acadêmica e pessoal. Logo, também sou grato à minha conterrânea mulunguense, Kaline Gomes, que se fez presente em todos os momentos marcantes da minha vida universitária. Nossa “frigideira” formou um laço que irá transcender o tempo e a distância.

Guardo imenso afeto e recordações das minhas amigas Graciele, Amanda, Anna Alice e Daniely. Cada uma de vocês fez parte dessa jornada de maneira única e especial. Nossos momentos de descontração fizeram os dias difíceis parecerem mais leves.

Por fim, à Universidade Estadual da Paraíba, meu ambiente de formação, sou profundamente grato. Um agradecimento especial a todos os professores do curso de Letras - Português, em especial ao Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega, Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Me. Cleuma Regina Ribeiro da Rocha Lins, Dra. Anilda Costa Alves, Dr. Jackson Cícero França Barbosa e Dra. Iara Ferreira de Melo Martins, grandes profissionais que terei como fontes de inspiração.